

## Gestão de identidades em relações afetivas através do humor conversacional

### Identity work through conversational humor in affective relationships

*Leticia Rezende Stallone*

*Universidade Federal Fluminense*

---

**Resumo:** Este artigo aborda a construção de identidades em relações afetivas através do humor conversacional. Investiga o *entre-lugar* (CUCHE, 2002; BHABHA, [1998] 2005) de produção de identidades, em que humor e agressividade se mostram presentes. Sob perspectiva da Análise da Conversa, adota a Análise de Categorização de Pertença (ACP) no intuito de entender o que é considerado relevante no jogo de construção de identidades em momentos de humor. O estudo se mostra relevante uma vez que pretende contribuir com a demonstração de padrões de humor conversacional sob uma perspectiva interacional, aprofundando discussões importantes tanto acerca de humor, quanto de estratégias de identidades em contextos afetivos. As relações analisadas demonstram a presença de sequências argumentativas de valor agressivo (ANTAKI, 1994) solucionadas pela relevância a elementos interacionais de humor demonstrando ora envolvimento do grupo, ora sentimentos de antagonismo.

**Palavras-chave:** Humor Conversacional. Interação. Análise da Conversa (AC). Análise de Categorização de Pertença (ACP).

---

**Abstract:** This paper discusses the construction of identities in relationships among friends through conversational humor. It investigates the *entre-lugar* (CUCHE, 2002; BHABHA, [1998] 2005) of identity production in which humor and aggressiveness occupy the same frame. From the perspective of Conversation Analysis, it adopts Membership Categorization Analysis (MCA) in order to understand what is considered relevant in the negotiation of identity construction in moments of humor. The study contributes to the demonstration of conversational humor patterns in an interactional perspective, adding to important discussions about humor and identity strategies in emotional contexts. The relationships analyzed demonstrate the presence of conflict sequences (ANTAKI, 1994) with aggressive value addressed by relevance to interactional elements of humor demonstrating both group involvement, and feelings of antagonism.

**Keywords:** Conversational Humor. Interaction. Conversation Analysis. Membership Categorization Analysis.

---

## Introdução

O mundo marcado pela crescente migração de massas e pela entremesclagem cultural, religiosa e étnica, numa escala sem precedentes (cf. RAJAGOPALAN, 1998) é evidência de que o contato social produz possibilidades nunca antes pensadas, problematizando, portanto, a existência de categorias sociais pré-determinadas.

[U]ma mulher, por exemplo, não é só lésbica, mas também professora universitária, branca, classe média, mãe, católica etc. Portanto, outras mulheres lésbicas são constituídas por outros traços identitários, que muitas vezes coexistem dentro da mesma pessoa de forma antagônica ou contraditória nas mesmas práticas discursivas ou em outras (MOITA-LOPES, 2003, p. 28).

Esta entremesclagem vem sendo demonstrada também na literatura. Salman Rushdie, por exemplo, refere-se às interações sociais enquanto indivíduos sociais “vazando um no outro”, ressaltando, dessa forma, a fluidez do contexto de produção de identidades.

Em inglês, corroborando a ideia de que *friends* e *enemies* não são categorias fixas que operam em oposição, o termo *frenemy* tem sido adotado pela mídia e por acadêmicos que assinam publicações acessadas por muitos, como a psicóloga Terri Apter e a socióloga Jan Yager.

*Friends and Enemies: When friendship hurts - how to deal with friends who betray, abandon or wound you*<sup>1</sup>, de Jan Yager, demonstra já no título a presença de sentimentos antagônicos que não correspondem às expectativas acerca de relações de amizade.

O termo é especialmente associado à relação de amizade/inimizade entre mulheres no campo profissional, mas diz respeito a questões tradicionais entre amor e ódio: Será que caminham lado a lado como garante o senso comum ou vazam um no outro como afirma Rushdie?

Adotando a Análise de Categorização de Pertença (SACKS, 1992a, 1992b; SCHEGLOFF, 2007) e a Análise da Conversa enquanto instrumentos metodológicos, o estudo se propõe a entender o que ocorre interacionalmente em enquadres de humor/agressividade entre amigos. De que forma os sujeitos se posicionam nas interações adotando relevância a um ou outro enquadre em jogo? Como são gerados sentimentos antagônicos quando da adoção de uma ou outra

---

<sup>1</sup> Amigos e inimigos: quando a amizade machuca – como lidar com amigos que traem, abandonam ou ferem? (Todas as traduções ao longo do artigo são de minha autoria).

estratégia de identidade? Estas são questões importantes que permeiam este estudo e pretendem ser acessadas na elaboração deste artigo.

A análise linguística considera que o discurso é o local em que se constroem e se mostram identidades sociais ao mesmo tempo. Estudar o discurso da perspectiva socioconstrucionista é “examinar os contextos institucionais de uso específico de linguagem nos quais as pessoas estão agindo [...] e revelar o que fazem nessas práticas na constituição da vida social” (MOITA-LOPES, 2003, p. 26).

## 1 Revisão de literatura

O estudo se apóia, inicialmente, em Norrick (2008) e na sua investigação do humor operando no término de estruturas de conflito (ANTAKI, 1994, 1996; COULTER, 1990; SCHIFFRIN, 1984). E complementa que o entendimento do humor enquanto sobreposto a outro enquadre, seja o do conflito ou de qualquer outro, vai depender do grau de relevância estipulado pelos sujeitos envolvidos na interação.

No que tange às fronteiras do discurso de humor, Norrick (2008) apresenta três momentos em que a agressividade se mostra presente. A primeira delas diz respeito à agressividade interpessoal expressa na forma de sarcasmo, chacota, humilhação, entre outros<sup>2</sup>; a segunda se refere à agressividade interacional, o próprio ato de introduzir humor no tópico de uma conversa séria em andamento, pode ser percebido como agressivo “em que constitui uma intrusão, uma interrupção, uma perda de tempo” (NORRICK, 2008 p. 1663). E por último, o humor também pode funcionar como “um teste à inteligência, conhecimento ou pertencimento de grupo em que são necessários certos tipos de informação prévia ou mesmo perspicácia linguística e lógica para entender uma piada” (SACKS, 1974; SHERZER, 1978, 1985 In NORRICK, 2008, p. 1663).

Apesar de identificar a presença de agressividade no humor, Norrick acredita que ela é mais significativa quando são levados em conta dados de piadas propriamente ditas. Seus dados são gerados de conversas do dia-a-dia e, para ele, o humor conversacional que emerge entre amigos, membros da família e colegas de trabalho pode funcionar de uma forma positiva, na solução de conflitos, ainda que seja somente como um mitigador da hostilidade presente em interações argumentativas.

O autor analisa a estrutura padrão da sequência argumentativa, definida como uma sequência em que os participantes se contradizem em três turnos consecutivos (COULTER, 1990; GRUBER, 1996; 1998; HUTCHBY, 1996; MAYNARD, 1985; MUNTIGL; TURNBULL, 1998; SCHIFFRIN, 1985; SPITZ, 2006 In NORRICK; GARCEZ, 1996). Para Norrick, o conflito gera mais conflito, pois “uma vez que os participantes começam a produzir sequências argumentativas,

---

<sup>2</sup> “Sarcasm, teasing, put-downs and so on” (Tradução minha).

eles se orientam para o enquadre de conflito e tendem a interpretar qualquer movimento como argumentativo” (NORRICK, 2008, p. 1668).

## 2 Objetivos

O estudo se propõe a olhar para a maquinaria das interações em que humor e agressividade se mostram difíceis de delimitar. Examina, portanto, o *entre-lugar* (CUCHE, 2002; BHABHA, [1998] 2005) não só de identidades em si, mas de contexto de produção de identidades em relações de amizade.

Considerando a fluidez das fronteiras de enquadres interacionais nestas relações, o estudo pretende (1) mapear a negociação de estratégias de identidades a partir da análise de humor conversacional em que a agressividade se mostra presente e (2) verificar a existência de padrões interacionais acerca das variáveis que são operadas nas fronteiras entre amizade/antagonismo em momentos de humor.

Será necessário, num primeiro momento, problematizar a questão da agentividade na negociação de estratégias de identidades, o termo “estratégia” por si só implica que o indivíduo “não é desprovido de uma certa margem de manobra” (CUCHE, 2002, p. 196).

Segundo Moita-Lopes (2003), nem todo engajamento discursivo visa à cooperação interacional uma vez que, como estamos posicionados no discurso por meio de projetos sócio-históricos diferentes que podem ser antagônicos, a própria ausência de inteligibilidade pode ser creditada à intenção de um interlocutor.

A Análise de Categorização de Pertença (ACP) será adotada para que se entenda o que é considerado relevante na avaliação da situação em que são utilizados, estrategicamente, recursos de identidade. A ACP demonstra os mecanismos que operam por trás da escolha de uma ou outra forma de identificação, revelando tanto a forma como um indivíduo vê a si mesmo e ao outro, quanto como este indivíduo constrói identidades com o outro. “Por exemplo, ao pinçar determinadas características para definir uma mulher, eu revelo como eu a vejo e como construo identidades de gênero.” (SELL; OSTERMANN, 2009, p. 14).

Através do passo a passo sugerido por Van Dijk (1997) e desenvolvido nos Aspectos Metodológicos deste estudo, a Análise da Conversa vai operar como um instrumento de análise do turno-a-turno na fronteira entre humor e agressividade. A partir dela, pretende-se buscar padrões acerca do mecanismo interacional que opera nas relações de amizade, o que contribuirá para evidenciar as variáveis adotadas (ou não) nas situações analisadas.

Estabelecem-se, dessa forma, os caminhos para a pesquisa em questão. As discussões serão acessadas através da investigação do discurso híbrido de humor/agressividade.

O estudo se mostra relevante uma vez que pretende contribuir com a demonstração de padrões interacionais de humor sob uma perspectiva interacional,

aprofundando discussões importantes tanto acerca do humor conversacional, quanto de estratégias de identidades em contextos afetivos.

Além disso, contribui também para a discussão do estabelecimento de teorias do humor e da (im) polidez, se levarmos em conta que o humor é, a princípio, associado à estratégia de polidez positiva na interação (BROWN; LEVINSON, 1996).

### 3 Referencial teórico

O campo de estudos do humor por si só é demasiadamente complexo, pouco desenvolvido e pouco compreendido nas ciências sociais, seja por não ter sido proposto enquanto conceito até pouco tempo atrás<sup>3</sup>, ou por enfrentar problemas de “reconhecimento e credibilidade enquanto disciplina acadêmica” (RASKIN, 1987). Segundo [Raskin], estes seriam entraves “típicos de campos interdisciplinares, aqui provavelmente agravados pela crença ampla e talvez inconsciente de que nada agradável, divertido, seja um assunto respeitável para um campo acadêmico” (RASKIN, 1987). No entanto, é justamente a complexidade que faz do humor especialmente interessante enquanto campo de investigação das relações de amizade, pois carrega em si mesmo a fluidez das fronteiras entre pertencimento e antagonismo, uma vez que quando não é compartilhado funciona como uma estratégia de exclusão a um determinado grupo.

O estudo se vale do aparato teórico de diversas correntes de abordagem anti-essencialista da linguagem como a Sociolinguística Interacional (BATESON, 1972; GUMPERZ, 1982; TANNEN, 1989) e a Análise da Conversa de base Etnográfica (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1973). Encontra contribuições ainda na Análise do Discurso Crítica (VAN DIJK, 1997, por exemplo).

Assim, a investigação faz uso de teorias de autores que entendem a língua como uma manifestação social, incluídos aí os trabalhos de Stuart Hall, Moita-Lopes, por exemplo, a partir de perspectivas socioconstrucionistas.

No contexto analisado, os sujeitos sociais se relacionam por laços de amizade, entendidos enquanto o desejo e a ratificação de afinidades, ou seja, equivalências que funcionem como características comuns e compartilhadas. Num sentido mais amplo, “cada grupo irá determinar qual equivalência será relevante nas suas relações” (OLIVEIRA, 2002, p. 27).

A relevância é atribuída pela forma como estas equivalências estão situadas nos processos discursivos de suas construções. Olhar para os momentos em que humor e agressividade se sobrepõem é optar por um contexto de construção de

---

<sup>3</sup> “os primeiros registros conceituais do humor no sentido que hoje lhe damos remontam a data muito próxima dos nossos dias: de fato, o riso não encontrou senão na virada do século XX, com Bergson (1983), a sua primeira teoria mais ambiciosa. Entretanto, a aplicabilidade dessa teoria – e, de resto, da maioria das tentativas de conceituação que a seguiram – é hoje questionada em termos de sua própria validade” (ROSAS, 2003).

identidades fluido, onde cooperar ou não para a construção identitária é opção dos sujeitos interacionais.

Assim, o estudo adota os Dispositivos de Categorização de Pertença<sup>4</sup> (SACKS, 1992a, 1992b; SCHEGLOFF, 2007) e a Análise da Conversa. Através destes dispositivos, busca-se construir um aparato de recursos e práticas operadas na forma como os usos linguísticos são produzidos e geram entendimento (cf. SELL; OSTERMANN, 2009).

A Categorização de Pertença evidencia a relevância e o posicionamento dos sujeitos sociais situados nas construções interacionais, operando como uma matriz geradora de possibilidades de uma interação. Apresenta tanto as opções de categorias quanto as normas para a aplicação de uma ou outra categoria, demonstrando, portanto, a raiz do jogo identitário em uma interação.

Segundo Psathas (1999), a Categorização de Pertença é um processo continuamente “produzido e orientado pelas partes e não necessariamente um ato explícito de nomear ou descrever a si mesmo ou a outro com o nome de uma categoria que pertence a alguma coleção” (PSATHAS, 1999, p. 156 In SELL; OSTERMANN, 2009).

A Análise da Conversa, por sua vez, visa descrever métodos usados por pessoas “fazendo a vida social”; trata de entender como funciona a maquinaria das interações sociais - em que o produto acessado é, neste momento, a conversa (SACKS, 1984, p. 26).

Segundo Schegloff (2007), “um comprometimento analítico fundamental na Análise da Conversa, desde o início, tem sido o de não desconsiderar como “apenas formas de falar” aquilo que as pessoas dizem e a forma como é dito. Para o autor, estes são em si os detalhes do comportamento natural que define a nossa atividade<sup>5</sup> (SCHEGLOFF, 2007, p. 4).

A sugestão proposta por Schegloff no tutorial que retoma as concepções de Sacks (1992 a,b) é a de olhar para aquilo que é sabido/conhecido pelo senso comum e oferecido como corporificações articuladas<sup>6</sup>, não como descobertas sociológicas, mas como “parte dos problemas com os quais as ciências sociais devem lidar” (SCHEGLOFF, 2007, p. 3).

O engajamento nas práticas discursivas funciona como um jogo onde se operam construções de identidades que geram elos interacionais de amizade. Uma vez que amizade não é uma questão de igualdade social (REZENDE, 2001 In OLIVEIRA; PEREIRA, 2002) e que as relações afetivas são permeadas de momentos de humor, podem-se observar, nestas trocas interacionais, estratégias de identidade disponíveis aos sujeitos sociais. nestas trocas interacionais.

---

<sup>4</sup> Membership Categorization Devices (MCD) (Sacks, 1972a, 1972b e Schegloff, 2007).

<sup>5</sup> “One key analytic commitment in CA from the very beginning has been not to dismiss what persons said and how they said it as “just a matter of speaking”, any more than one would dismiss the direction in which bees fly as incidental; these are the very details of their natural behavior which set our task”. (SCHEGLOFF, 2007, p. 4).

<sup>6</sup> Articulated embodiments (SCHEGLOFF, 2007).

Dessa forma, parece relevante investigar a forma como atuam os sujeitos sociais no envolvimento diário em interações não institucionais, onde humor e agressividade passam a “articula[r] um corpo coletivo” (BHABHA, [1998] 2005, p. 21).

## 4 Aspectos metodológicos

Enquanto sujeito ativo na construção de identidades de diversos grupos sociais, o pesquisador do século XXI deve seguir a sugestão de Bauman;

[...] devemos nos aproximar tanto quanto os verdadeiros poetas das possibilidades humanas ainda ocultas; e por essa razão devemos perfurar as muralhas do óbvio e do evidente, da moda ideológica do dia cuja trivialidade é tomada como prova de seu sentido. Demolir tais muralhas é vocação tanto do sociólogo quanto do poeta, e pela mesma razão: o emparedamento das possibilidades desvirtua o potencial humano ao mesmo tempo em que obstrui a revelação de seu blefe (BAUMAN, 2001, p. 232).

Questionar o sentido que se apresenta na trivialidade é vocação também do linguista, uma vez que é do discurso que emergem as identidades. A perspectiva qualitativa de análise de dados se mostra mais coerente com esta vocação, pois não objetiva a constatação do conhecimento a partir de leis e regras, ao contrário, dá espaço à interpretação e à indução.

O estudo pretende abordar a conversa no dia-a-dia, dados reais, dinâmicos e complexos, o que torna necessária uma perspectiva de estudos que valorize o contexto local e que o trate como um elemento essencial para a compreensão do significado.

Serão analisados momentos de humor em que se percebam traços de agressividade. Para tal, primeiramente, foi feito um mapeamento do *corpus* que consiste de gravações em áudio de encontros entre amigos, na cidade do Rio de Janeiro<sup>7</sup>. Foram selecionados dois segmentos de interesse da análise, onde humor e agressividade compartilham um enquadre interacional.

O grupo a ser analisado é composto por oito participantes, quatro homens e quatro mulheres, cuja faixa etária varia dos 30 aos 55 anos. Os dados foram gerados a partir de conversas ocorridas em situações naturais de fala em encontros que ocorrem frequentemente, na casa dos participantes.

Durante a análise, adota-se a Análise da Conversa enquanto metodologia teórica associada à compreensão de discurso enquanto local de construção de

---

<sup>7</sup> O corpus foi gerado para a dissertação de mestrado (STALLONE, 2009).

sentidos que organiza ações e concepções que temos de nós mesmos. Isto é, por um lado micro-sociológico, assume-se a postura teórica e metodológica de descrever os procedimentos através dos quais os sujeitos sociais, “produzem seu próprio comportamento ao mesmo tempo em que entendem e lidam com os comportamentos dos outros” (HERITAGE; ATKINSON, 1984, p. 1). Por outro lado, leva-se em conta a importante construção identitária que opera na maquinaria da conversa.

Pretende-se adotar ainda a Análise de Categorização de Pertença (ACP) com o intuito de identificar a relevância atribuída a uma ou outra estratégia de identidade e desvelar, dessa forma, a negociação de identidades ocorrida no contexto analisado. Com este aparato, procura-se acessar as escolhas alcançadas pelos sujeitos em interação, ou seja, determinar quais as identidades que emergem dos contextos analisados.

Entendem-se, portanto, os sujeitos sociais como seres cujo comportamento é orientado pelo contexto social e, inversamente, como responsáveis pela manutenção/mudança desse contexto. Com efeito, o contexto social “ao mesmo tempo que determina as possibilidades de intervenção dos interagentes, lhes permite que, com suas intervenções individuais, contribuam para re-configurar o sistema social que os orienta” (ALMEIDA; GONÇALVES, 2009, p. 12).

Neste aspecto, o estudo busca respaldo também em alguns teóricos da Análise do Discurso Crítica (VAN DIJK, 1997, FAIRCLOUGH, 2003) que entendem o discurso enquanto responsável por constituir e ser constituído pela vida social.

Van Dijk (1997) sugere que se *faça* Análise da Conversa da seguinte forma:

a) Seleccione uma sequência; deve-se tratar desta sequência enquanto produto de uma negociação, em que uma das partes pode propor um início ou um fim que só será completamente alcançado com a ratificação da outra parte.

b) Caracterize as ações desenvolvidas nesta sequência; para isso, deve-se perguntar: “O que o participante está fazendo neste turno?” Van Dijk esclarece que estas caracterizações podem ser alteradas ao longo da análise, pois muitas ações poderão estar ocorrendo simultaneamente em um mesmo turno. Entretanto, a caracterização será útil, pois permite que se façam relações entre as ações identificadas, o que é importante visto que “as ações não são ilhas em si mesmo: a maioria é proposta com uma expectativa de resposta e/ou como uma resposta a uma ação anterior” (VAN DIJK, 1997, p. 72).

c) Considere como a forma de *empacotar* as ações dá conta de certos entendimentos das ações realizadas e dos assuntos conversados; O *empacotamento* de que fala Van Dijk refere-se à forma como os falantes constroem e expressam as ações. Segundo o autor, as ações podem ser construídas a partir de múltiplas opções. Considerar este *empacotamento* é, sobretudo, olhar para as formas de se referir a pessoas, objetos, lugares, atividades, etc. e para as formas como este *empacotamento* interfere na construção de novas ações na sequência.

d) Considere como o *timinig* e a tomada de turnos dá conta de certos entendimentos de ações e assuntos conversados; para cada turno descreva como o

falante obteve o turno, o *timing* do início do turno, o final do turno, e se o falante selecionou o próximo falante. E, por fim,

e) considere de que forma a realização das ações implica certas identidades, papéis e/ou relações para os interlocutores. Que direitos, obrigações e expectativas entre as partes podem ser inferidas pelo discurso? (VAN DIJK, 1997, p. 71-74).

O passo a passo oferecido por Van Dijk é adotado neste estudo em conjunto com a noção de Categorização de Pertença, pois parece se tratar de uma forma abrangente de “fazer Análise da Conversa”, em que se procura compreender os reflexos relacionais da maquinaria da conversa e investigar as nuances da conversa no turno-a-turno interacional.

## 5 Análise de dados

O primeiro segmento a ser analisado trata-se de um momento comum a este grupo, em que as mulheres ocupam um lado da mesa e os homens o outro. Há interações paralelas e simultâneas e o interesse da análise recai sobre o momento em que Dália, Aurora e Letícia constroem a seguinte interação:

### Segmento 1

|    |         |                                                                        |
|----|---------|------------------------------------------------------------------------|
| 1  | Dália   | [GEN]TE essa casi:nha [tá lindo você >tá que tá< hein↑]                |
| 2  | Aurora  | [pessoa que fica] sem trabalhar                                        |
| 3  | Letícia | tá né: perai↓ mas >eu to trabalhando<                                  |
| 4  | Aurora  | vem cá, você trabalha uma vez por semana                               |
| 5  | Letícia | estudar é trabalhar                                                    |
| 6  | Aurora  | gente, [não sei como o governo concede] uma coisa dessa↑ uma           |
| 7  |         | bolsa para essa criatura olha a roupinha de-hippie- coisa haribô hahah |
| 8  | Dália   | [é estudar é trabalhar SIM↓]                                           |
| 9  | Letícia | [hahah é milioná]- e hippie não trabalha hahah                         |
| 10 | Dália   | [é merecido] deixa ela- nossa peque::na hippie                         |
| 11 | Aurora  | e cadê a Claudia hein↑                                                 |
| 12 | Letícia | pequena hippie que vai pagar as contas de vocês um dia                 |
| 13 | Aurora  | a claudia [avisou]                                                     |
| 14 | Dália   | [a claudia telefonou]                                                  |
| 15 | Letícia | [ela ligou]                                                            |

### Encontro1

Inicia-se a análise apontando para a caracterização dos turnos. Num primeiro momento, no turno de Dália, há um convite em [GENTE] (linha1) para que os demais participantes compartilhem um elogio a dona da casa, Letícia.

Aurora escolhe não participar do elogio, apresentando uma justificativa para a casa estar bonita, o que vai contra a expectativa presente no convite ao elogio de Dália. O turno de Aurora, [pessoa que fica sem trabalhar] (linha 2), demonstra que o mérito da casa bonita não é de Letícia, uma vez que qualquer um que tenha tempo é capaz de manter uma casa assim. O turno de Aurora caracteriza-se então pela crítica à Letícia, desocupada que fica em casa sem trabalhar.

A crítica se mostra também no empacotamento do turno. Aurora refere-se à amiga como “pessoa” (linha 2), o que marca a escolha não só da terceira pessoa do singular, como também da própria palavra “pessoa” que parece generalizar a amiga e categorizá-la apenas como mais uma pessoa em meio a um universo de gente. Além disso, Aurora não espera o fim do turno de Dália para iniciar o seu, realiza seu turno em sobreposição com o de Dália. Assim que percebe que Dália vai fazer um elogio, Aurora se apressa em iniciar a crítica.

A crítica apressada de Aurora impede que se instale um enquadre em que se mostra a afetividade na relação através do elogio de Dália. Essa pressa dá ênfase à agressividade interacional, pois interrompe uma eminente troca interacional entre Dália e Letícia. A agressividade é corroborada pela resposta de Letícia que atende aos dois turnos prévios. Ao mesmo tempo em que concorda com o elogio de Dália – o que em si demonstra uma aproximação entre as duas, pois Letícia não precisa amenizar o valor de seu esforço ao concordar com o elogio – também retruca à crítica de Aurora num turno que repara o que foi dito: “perai↓ mas >eu to trabalhando<” (linha 3).

Este trecho do turno é caracterizado como a segunda parte de uma sequência argumentativa uma vez que o antagonismo inicial está presente na primeira parte da sequência realizada por Aurora: “[pessoa que fica] sem trabalhar” (linha 2). O conflito se estabelece a partir do terceiro turno em que Aurora reafirma sua posição, contradizendo a amiga “vem cá, você trabalha uma vez por semana” (linha 4).

A sequência argumentativa é continuada por Letícia quando alega que “estudar é trabalhar” (linha 5), mas Aurora não concorda e mantém sua posição fazendo uso de categorizações, questionando a concessão de uma bolsa de estudos a uma “criatura” que veste “roupinha de-hippie- coisa haribô” (linhas 6, 7).

A categoria “hippie”, da qual Aurora faz uso, é caracterizada como uma ideologia de valores de contracultura, um movimento que abraça a Revolução Sexual e o uso de drogas para explorar outros estados de consciência. Uma categorização, portanto, oposta àquilo que se espera do sistema – no turno de Aurora, “o governo” – e é esta incongruência sistema/categoria “hippie” que parece responsável por gerar humor.

Além disso, a categorização de Aurora contribui com a produção de humor no próprio processo de categorização. Ao categorizar Letícia como hippie, o olhar tanto de Dália quanto da própria Letícia é direcionado para a comparação entre as roupas que Letícia veste e as categorias que cada uma formula em mente acerca da categoria “hippie”. Este processo gera humor uma vez que rompe com as expectativas dos demais participantes, que até então não haviam verbalizado que Letícia de fato carregava sinais da categoria a ela atribuída.

O humor é gerado da incongruência e da quebra de expectativa, mas nasce no final de uma sequência argumentativa, podendo ser, portanto, o responsável por amenizar o teor de agressividade desta sequência ou mesmo por terminar a sequência.

A categorização de Aurora faz Leticia rir: “[hahah é milioná]- e hippie não trabalha hahah” (linha 9). Leticia mantém o humor e ajuda a estendê-lo na realização de um ato irônico em que debocha do valor da bolsa oferecida pelo governo. Mas ainda parece rejeitar a categorização alegando que ela trabalha (linha 3) e hippie não trabalha (linha 9).

A participação de Dália neste segmento contribui com a realização de uma nova identidade na interação, a “pequena hippie” (linha 10). A escolha por “pequena” ao lado de “hippie” ameniza a carga da incongruência entre o “sistema” e a *outsider* estipulada por Aurora. A categorização de Dália dá nova roupagem à troca interacional, definindo uma nova categoria para Leticia, a “filha” do grupo, aquela a quem todos protegem, a que “merece” (linha 10). Leticia prefere adotar esta categoria, o que demonstra que não rejeita de todo a categoria proposta por Aurora, uma vez que “pequena hippie” é uma subcategoria de “hippie”. A diminuição da carga de agressividade e o estabelecimento da categorização vêm acompanhados da manutenção da incongruência entre sistema/*outsider*: “pequena hippie que vai pagar as contas de vocês um dia” (linha 9), o que garante a manutenção tanto do humor quanto da relação de amizade entre elas.

Esta negociação parece ter fim no momento em que Aurora faz uma mudança tópica e passa a perguntar sobre a quarta participante do grupo, Claudia. As demais participantes, Leticia e Dália, acabam por aderir ao tema e o segmento de análise é concluído.

Neste segmento, foi possível identificar, a partir da Categorização de Pertença, algumas estratégias de categorização de identidades que só se estabeleceram a partir do momento em que encontraram uma forma amenizada, como “pequena hippie”. A escolha de Dália faz emergir também a sua própria identidade de “mãe” e “protetora” da “pequena hippie”. Identidade essa que não é associada à Aurora.

O segmento aponta para o uso do humor na solução de um conflito, demonstrando que o antagonismo não compromete a relação das amigas, uma vez que as categorias que se estabelecem revelam uma relação entre “protegido” e “protetor”, características esperadas numa relação entre amigos.

O próximo segmento a ser analisado refere-se a uma troca interacional entre Marco e Dália, casados há 19 anos, e Aurora.

## Segmento 2

|   |        |                                                |
|---|--------|------------------------------------------------|
| 1 | Aurora | [agora ele ta can-o show dele é cantando ROck↓ |
| 2 | Marco  | o que que faz tua cabe:ça↑                     |
| 3 | Aurora | minha cabeça↑ (.)                              |

|    |         |                                                    |
|----|---------|----------------------------------------------------|
| 4  | Dália   | o cabelo dela e o resto que vem com ele hahah      |
| 5  | Letícia | Hahah                                              |
| 6  | Marco   | HAHAH (debochado) quantos anos você tem mesmo ô::↑ |
| 7  | Dália   | ô o que↑vê lá ein[ hahah]                          |
| 8  | Aurora  | [ah eu gostava dele] antigamente                   |
| 9  | Letícia | [hahah]                                            |
| 10 | Guga    | [hahah]                                            |
| 11 | Jamil   | [hahah]                                            |
| 12 | Marco   | é: rod stewart não ta com nada-tá velho né↑        |

## Encontro 2

Neste segmento existe uma troca interacional sendo feita entre Marco e Aurora. Dália a interrompe, respondendo a pergunta de Marco “o que que faz tua cabeça↑ (linha 2)” que não foi endereçada a ela. A resposta “o cabelo dela e o resto que vem com ele hahah” (linha 4) demonstra uma agressividade interacional uma vez que interrompe uma conversa em andamento, como já foi mencionado, segundo Norrick (2008), “constitui uma intrusão, uma interrupção, uma perda de tempo” (NORRICK, 2008, p.1663).

No senso comum diríamos que se trata de uma agressividade gratuita, ou seja, não há motivos aparentes - ao menos não na interação - para esta resposta que satiriza e trivializa a pergunta de Marco.

Dália inicia, dessa forma, uma sequência argumentativa. Ao mesmo tempo em que a ameniza com o riso, realiza uma sobreposição de enquadres de brincadeira e agressividade junto com Marco quando ele responde com um riso debochado, deixando claro que sua brincadeira foi infantil: “HAHAH (debochado) quantos anos você tem mesmo ô::↑” (linha 6).

A caracterização do turno de Dália pode remeter simplesmente a sua vontade de participar da interação e trazer humor a ela como também pode ser entendida como uma ameaça aberta ao marido, frente a todos os demais participantes.

É Marco quem garante a perpetuação da agressividade em que se posiciona como vítima de uma ameaça de Dália, adotando relevância à agressividade no momento em que realiza a segunda parte da sequência argumentativa: “HAHAH (debochado) quantos anos você tem mesmo ô::↑” (linha 6).

A sequência é concretizada na terceira parte do turno quando há novamente um questionamento, agora da parte de Dália “ô o que↑vê lá ein[ hahah]” (linha 7). É interessante perceber neste trecho que a ameaça é mútua e em ambos os casos não há a verbalização de consequências, há somente a sugestão de ameaça no uso de “ô::↑”(linha 6) e “vê lá ein” (linha 7).

Quanto à Análise de Categorização, percebe-se que, a partir da brincadeira proposta por Dália na linha 4: “o cabelo dela e o resto que vem com ele hahah”, Marco categoriza a esposa como alguém que não está agindo conforme a sua idade.

Com o questionamento da idade de Dália, Marco parece querer categorizá-la como infantil e imatura, pois a interrupção com a brincadeira não corresponde às expectativas de uma mulher de 55 anos.

Dália, no entanto, não responde ao marido e prefere topicalizar aquilo que foi apenas sugerido por Marco, um vocativo que se mostra agressivo mesmo (ou principalmente) por estar silenciado “ó: ↑”(linha 6) . O silêncio é compartilhado pelos dois em que se operam esquemas de conhecimento exclusivos do casal, os demais participantes podem apenas criar hipóteses a partir dos sinais não verbais como a entonação e a forma de empacotamento da ação.

O conflito entre estes dois participantes, que se estabelece na sequência argumentativa concretizada com o terceiro turno de Dália (linha 7), demonstra uma negociação de identidades trabalhosa para ambos os lados. Ao mesmo tempo em que recusa a categoria “imatura”, Dália adota uma identidade daquela que ameaça, atribuindo ao marido uma identidade de ameaçado.

As identidades que emergem “ameaçador” e “ameaçado”, são amenizadas pelo humor presente no riso de Dália e dos demais participantes, o que contribui para a manutenção da relação de amizade. Mesmo que Marco tenha optado por adotar relevância à agressividade – sem, em nenhum momento adotar a brincadeira – o riso dos demais participantes ajuda a enquadrar aquela interação como uma brincadeira.

Este segmento diferencia-se do primeiro, pois aqui as identidades que emergem “ameaçador” e “ameaçado”, são antagônicas e não correspondem à expectativa de relações entre amigos.

Em ambos os casos, no entanto, a mudança tópica ajuda a dar continuidade à troca interacional e a relação de amizade se mantém, mas não sem demonstrar que carrega em si sentimentos antagônicos.

## 6 Considerações finais

No intuito de entender a negociação de identidades em enquadres de conversa entre amigos, este estudo se propôs a examinar o surgimento do humor e da agressividade, bem como o seu tratamento, levando em conta a não rigidez das categorias sociais. O estudo baseou-se na presença de segmentos antagônicos nestas relações e procurou mapear de que forma os sujeitos se posicionam nas interações ao adotarem estratégias que privilegiam ora um ora outro desses dois aspectos.

Entendendo o discurso como local em que as identidades são produzidas a partir da relevância atribuída a elas pelos participantes durante uma interação, adotou-se a Análise da Conversa e a Análise de Categorização de Pertença, ferramentas que permitiram entender as escolhas dos participantes na negociação de identidades.

A categorização se mostrou uma forma eficiente de acessar a relevância adotada na troca interacional uma vez que a partir das formas de categorizar os outros, os participantes revelaram seus próprios posicionamentos.

As relações de amizade analisadas demonstraram a presença de sequências argumentativas de valor agressivo solucionadas pela relevância a elementos interacionais de humor. Nos dois segmentos analisados, a agressividade interacional inicia uma sequência argumentativa que se dissolve na introdução e estabelecimento do humor.

No primeiro segmento evidenciam-se identidades compatíveis à expectativa do senso comum das características de relações de amizade. No segundo, no entanto, vemos categorias opostas que correspondem à expectativa de relações antagônicas. Evidencia-se, dessa forma, que as relações de amizade carregam mais do que aquilo atribuído a elas pelo senso comum. São relações de escolha, mas que demonstram que há antagonismo na amizade.

## 7 Convenções de transcrição

|                   |                                                                                        |
|-------------------|----------------------------------------------------------------------------------------|
| [colchetes]       | fala sobreposta                                                                        |
| (0.5)             | pausa em décimos de segundo                                                            |
| (.)               | micropausa de menos de dois décimos de segundo                                         |
| =                 | contiguidade entre a fala de um mesmo falante ou de dois falantes distintos            |
| .                 | descida de entonação                                                                   |
| ?                 | subida de entonação                                                                    |
| ,                 | entonação contínua                                                                     |
| ?,                | subida de entonação mais forte que a vírgula e menos forte que o ponto de interrogação |
| :                 | alongamento de som                                                                     |
| -                 | auto-interrupção                                                                       |
| <u>sublinhado</u> | acento ou ênfase de volume                                                             |
| MAIÚSCULA         | ênfase acentuada                                                                       |
| º                 | fala mais baixa imediatamente após o sinal                                             |
| º palavrasº       | trecho falado mais baixo                                                               |
| palavra:          | alongamento de som                                                                     |
| ↑                 | subida acentuada na entonação, mais forte que os dois pontos sublinhados               |

|            |                                                                                        |
|------------|----------------------------------------------------------------------------------------|
| ↓          | descida acentuada na entonação, mais forte que os dois pontos precedidos de sublinhado |
| >palavras< | fala comprimida ou acelerada                                                           |
| <palavras> | desaceleração da fala                                                                  |
| <palavras  | início acelerado                                                                       |
| hhh        | aspirações audíveis                                                                    |
| (h)        | aspirações durante a fala                                                              |
| .hhh       | inspiração audível                                                                     |
| [( )]      | comentários do analista                                                                |
| (palavras) | transcrição duvidosa                                                                   |
| ( )        | transcrição impossível                                                                 |
| th         | estalar de língua                                                                      |
| hahah      | riso normal                                                                            |
| HAHAHA     | riso debochado                                                                         |

## Referências

- ALMEIDA, F. A; GONÇALVES, J. C. (Orgs.). *Interação, Contexto e Identidade em Práticas Sociais*. Niterói: Ed. UFF, 2009.
- ANTAKI, C. *Explaining and arguing: The social organization of accounts*. London: Sage, 1994.
- ATKINSON, J. M.; HERITAGE, J. *Structures of Social Action Studies in Conversation Analysis*. Cambridge: University of Cambridge, 1984.
- BATESON, G. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBEIRO, B.T; GARCEZ, P. M. *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Loyola, 2002.
- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, [1998] 2005.
- BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio: Zahar, 2000.
- BAUMAN, Z. *Comunidade*. Rio: Zahar, [2001] 2003.
- BROWN, P; LEVINSON, S. C. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

COATES, J. Talk in a play frame: More on laughter and intimacy. *Journal of Pragmatics*, v. 39, n. 1, p. 29-49, 2007.

COULTER, J. Elementary properties of argument sequences. In: PSATHAS, G. (Ed.), *Interaction Competence*. Washington DC: University Press of America, 1990.

CUCHE, D. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 2002.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social purposes*. London: Routledge, 2003.

GAGO, P. C. Questões de transcrição em Análise da Conversa. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, v. 6, n. 2, jul./dez. 2002.

GOFFMAN, E. *Frame Analysis*. New York: Harper & Row, 1974.

GOFFMAN, E. Footing. In: RIBEIRO, B.T; GARCEZ, P. M. *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Loyola, 2002.

GORDON, C. A(p)parent play: Blending frames and reframing in family talk. *Language in society*, v. 37, n. 3, p. 319-349, 2008.

GUMPERZ, J. J. *Discourse Strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HYMES, D. Models of the Interaction of Language and Social Life. In: PAULSTON, C. B; TUCKER, R. (Orgs.). *Sociolinguistics: The essential readings*. Oxford: Blackwell publishing, 2003.

MOITA-LOPES, L. P. (Org.). *Discursos de identidades*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

NORRICK, N. *Conversational Joking*. Bloomington: Indiana University Press, 1993.

NORRICK, N. Humor as a resource for mitigating conflict in interaction. *Journal of Pragmatics*, v. 40, p. 1661-1686, 2008.

OLIVEIRA, M. C. L; PEREIRA, M. G. D. *A construção de identidades em bate-papos virtuais em um canal da internet no Brasil*. Rio: Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2002. Dissertação de Mestrado em Letras.

RAJAGOPALAN, K. O conceito de identidade em lingüística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, I. (Org.). *Língua(gem) e*

*identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

RASKIN, V. Linguistic heuristics of humor: a script based semantic approach. *Interactional Journal of the Sociology of Language*, v. 1, n. 65, Language and humor, p. 11-25, 1987.

REZENDE, C. B; COELHO, M. C. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2010.

ROSAS, M. Por uma teoria da tradução do humor. *DELTA (Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada)*, v. 19, n. especial, p. 133-161, 2003.

SACKS, H. *Lectures on Conversation*: v. I. Oxford: Blackwell, 1992a.

SACKS, H. *Lectures on Conversation*: v. I. Oxford: Blackwell, 1992b.

SACKS, H. An analysis of the course of a joke's telling. In: BAUMAN, R; SHERZER, J. (Ed.). *Explorations in the Ethnography of Speaking*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 337-353.

SACKS, H, SCHEGLOFF, E; JEFFERSON, G. A simplest systematic for the organization of turn taking for conversation. *Language*, v. 50, n. 4, p. 696-735, 1974.

SCHEGLOFF, E. A tutorial on membership categorization. *Journal of Pragmatics*, v. 39, n. 3, p. 462-482, 2007.

SCHIFFRIN, D. Jewish argument as sociability. *Language in Society*, v. 13, n. 3 p. 311-335, 1984.

SELL, M.; OSTERMANN, A. C. Análise de categorias de pertença (ACP) em estudos de gênero: a (des)construção discursiva do homogêneo masculino. *Alfa*, v. 53 n. 1, p. 11-34, 2009.

SIGNORINI, Inês. A questão da língua numa sociedade democrática. In: MOITA-LOPES, Luiz Paulo (org.). *Por uma lingüística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2008. p. 169-189.

STALLONE, Leticia Rezende. *Humor conversacional entre amigos: uma abordagem interacional*. Rio: Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2009. Dissertação de Mestrado.

STRAEHLE, C. A. 'Samuel?' 'Yes, dear?' Teasing and conversational rapport. In: TANNEN, Deborah (Ed.). *Framing in Discourse*. Oxford: Oxford University Press, p. 210-230, 1993.

TANNEN, D. *Conversational Style*. Ablex: Norwood, NJ, 1984.

TANNEN, D. *Talking Voices – Repetition, Dialogue, and Imagery in Conversational Discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

TANNEN, D; WALLAT, C. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação. Exemplos de um exame/consulta médica. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Loyola, 2002.

VAN DIJK, T. A. *Discourse as social interaction*. London: Sage Publications, 1997.

*Recebido em 14 de janeiro de 2011.*

*Aceito em 3 de novembro de 2011.*

**LETÍCIA REZENDE STALLONE**

Mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO).  
Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail:  
leticiaSTALLONE@gmail.com.